

## O LUGAR DA “GERAÇÃO DE 45” NA MODERNIDADE POÉTICA RASILEIRA: A ROSA LEVE (1944) DE MARIA ISABEL FERREIRA

RAPHAELA PALOMBO BICA DE FREITAS<sup>1</sup>; ANDREA CZARNOBAY PERROT<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [raphaelabicadefreitas@hotmail.com](mailto:raphaelabicadefreitas@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [andrea.perrot.ufpel@gmail.com](mailto:andrea.perrot.ufpel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A chamada "Geração de 45" foi composta por um grupo de poetas que propôs, entre outros princípios, a retomada do rigor formal, numa virada à contramão do que pregou a estética modernista imediatamente anterior.

Esses poetas possuem entre si uma característica comum: o objetivo de transcender/superar a revolta dos poetas de 1920 e 1930. No entanto, procuram atingir seu objetivo não com fórmulas revolucionárias, mas, pelo contrário, tratando as antigas formas (de antes de 22) como modelo para receber um conteúdo moderno e novo, influenciado pela Segunda Guerra Mundial, que se fez sentir no Brasil (e na Geração de 45, com maior intensidade do que a Primeira Guerra Mundial influenciou a geração de 22). Esta nova geração funda-se na recuperação de antigas estruturas e no comedimento.

Foram dois críticos os que identificaram primeiramente os novos rumos que a poesia brasileira vinha tomando a partir de 1945: Alceu Amoroso Lima e Sérgio Milliet. Ambos, contrapondo a poética do Modernismo à poética da Geração de 45, empregaram os termos neomodernista e antimodernista, respectivamente, para caracterizarem a poética dos novos poetas. Mais tarde, surgem também os termos neoclássicos, neoparnasianos e neo-simbolistas para os caracterizarem.

Em 1952, numa série de quatro artigos ("A Geração de 45"), João Cabral de Melo Neto, também pertencente a essa geração – ao menos cronologicamente –, deu unidade conceitual às opiniões isoladas dos críticos que encontraram, em alguns livros de poemas publicados em 1944 e 1945, mudanças de ordem estética em relação à poesia moderna de 1922.

Foi, então, como mudanças estéticas "no curso da poesia moderna de 22" que as primeiras críticas sobre a Geração de 45 interpretaram a 'nova poesia' que estava surgindo no cenário da literatura brasileira. João Cabral, porém, foi o primeiro a dar unidade conceitual às críticas dispersas sobre essa 'nova poesia', sendo o autor responsável pela primeira análise sistemática do significado histórico da Geração de 45. Entre os críticos, fortalecia-se o ponto de vista de que esses autores jovens selavam a reconciliação do passado renegado de 22 com as conquistas revolucionárias do próprio modernismo.

Alfredo Bosi afirma:

[...] nos vultos centrais da década de 30, as cadências intimistas se resolviam amiúde em metros e em formas tradicionais (decassílabo, redondilha maior; soneto, elegia, ode...). A reelaboração de ritmos antigos e a maior disciplina formal nada continham, porém, de polêmico em relação ao verso livre modernista, mesmo porque as conquistas de 22 já estavam incorporadas à práxis literária de um Drummond, de um Murilo, de um Jorge de Lima. E o nosso maior leitor de poesia até 1945, Mário de Andrade, secundava com simpatia e lucidez a renovada atenção ao trato da linguagem artística, sentindo nela ora o aprofundamento, ora a natural superação de certas aventuras

modernistas. No entanto, apesar desses elos evidentes, alguns poetas amadurecidos durante a II Guerra Mundial entenderam isolar os cuidados métricos e a dicção nobre da sua própria poesia elevando-os a critério bastante para se contraporem à literatura de 22: assim nasceu a geração de 45. (BOSI, 1974, p.516)

Ou seja, para alguns críticos houve uma ruptura total com os preceitos do nosso Modernismo (CAMILO, 2010); já para outros, essa ruptura não procede (BOSI, 1974). Tal constatação corrobora os posicionamentos de Alceu Amoroso Lima e Sérgio Milliet, que embora diverjam nesse ponto, não deixam de, ambos, tomar o Modernismo como único contraponto da Geração de 45, denominando-os de neomodernos e antimodernos, respectivamente.

Além disso, ainda como bem explica Alfredo Bosi:

O que caracteriza – e limita – o formalismo do grupo é a redução de todo o universo da linguagem lírica a algumas cadências *intencionalmente* estéticas que pretendem, por força de certas opções literárias, definir o poético, e, em consequência, o prosaico ou não-poético. Era fatal que a arte desses jovens corresse o risco de anemizar-se na medida em que confinava de maneira apriorística o poético a certos motivos, palavras-chave, mitemas, etc. Renovava-se assim, trinta anos depois, a *maneira* parnasiano-simbolista contra a qual reagira masculamente a *Semana*; mas renovava-se sob a égide da poesia existencial europeia de entre guerras, de filiação surrealista, o que lhe conferia um estatuto ambíguo de tradicionalismo e modernidade. (BOSI, 1974, p. 518)

Tomando como ponto de partida a *Antologia Poética da Geração de 45*, de Milton de Godoy Campos, travamos os primeiros contatos com os poetas dessa Geração. Encontramos Maria Isabel Ferreira,

## 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa se efetiva por meio de estudo e revisão bibliográfica da teoria da lírica moderna, da teoria e das poéticas do Modernismo, do Parnasianismo e do Simbolismo (tanto em relação à Literatura Brasileira quanto em relação à Literatura Ocidental), assim como de textos críticos e teóricos sobre a “Geração de 45”. Além disso, utiliza-se da leitura e análise crítico-interpretativa da obra poética dos autores pertencentes à Geração de 45, nesse caso, especificamente, da obra de Maria Isabel Ferreira.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tratando-se da obra *Rosa Leve* (1944) da poetisa carioca Maria Isabel Ferreira, pertencente à Geração de 45, podemos observar características comuns predominantes em vários de seus poemas, sendo várias dessas características marcantes na poesia da geração na qual sua obra está inserida.

O respeito à estrutura se faz presente no uso constante de estrofes com a mesma quantidade de versos num mesmo poema (entretanto, isso tende a variar de poema para poema) e de rimas, fazendo assim uma retomada das formas

tradicionais anteriores ao Modernismo. Há também poemas de métrica heterogênea. Em sua obra encontramos, em minoria, alguns poemas extremamente breves, como *Amor* e *Dor*, ambos de uma estrofe apenas, e poemas que são escritos em prosa, como *Alcançai-a* e *Insônia*, que podemos observar a seguir:

Terra das coisas caídas, teu surdo gemido me alcançou.  
Como poderia prosseguir, se tuas mãos seguravam  
desesperadamente a fímbria do meu vestido?  
Ao teu lado estarei. Teu inimigo me encontrará na fronteira,  
alta, hirta, pálida de morte.  
Mundo das coisas caídas! Por ti, o meu peito de diamante.

A obra *Rosa Leve* está repleta de uma temática predominantemente negativa, característica da lírica moderna. O eu lírico e a poesia são marcados por agonia, descontentamento, infelicidade, inquietudes, medo e angústia, esses sentimentos podem ser percebidos nos versos, de diferentes poemas, a seguir:

[...] Vou fazer a minha casa  
Nas mais alta das montanhas  
Erma, embrulhada de nuvens.  
Vou fazer minha morada  
No cume do sofrimento. (**Narrativa**)

Densas cortinas de névoa  
E a angústia desabrochando  
Como uma lua de sangue,  
Como uma rosa monstruosa.  
Alguém me pôs de joelhos,  
Calcou meu rosto no chão. (**Lua vermelha**)

Para finalizar, é importante salientar a relação do eu lírico com o mundo. Sente que não lhe pertence, que nele não se encaixa, sente-se alheio à vida e aos outros, uma característica rousseauiana da lírica moderna, quando o eu absoluto que aparece em Rousseau como uma grandeza incompreendida impele a uma ruptura entre ele próprio e a sociedade, convencido da necessária irreconciliabilidade entre o eu e o mundo.

#### 4. CONCLUSÕES

Buscou-se com este trabalho, ainda em fase inicial de realização, apurar características individuais da poesia de Maria Isabel Ferreira, poetisa pertencente à chamada Geração de 45. Produzindo dentre diversas temáticas, encontramos na obra da poetisa características marcantes da lírica moderna, à qual se filia por meio da abordagem de irreconciliabilidade entre o eu e o mundo, gerando poemas de temática negativa, repletos de angústias, inquietude, medo e desconforto.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BOSI**, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1974.

**CAMILO**, Vagner. **Percalços da modernidade poética no Brasil**: sobre a reposição do poético na lírica do pós-guerra. Disponível em <http://www.iiligeorgetown2010.com/2/pdf/Camilo.pdf> Acessado em 31 jul 2016.

**CAMPOS**, Milton de Godoy. **Antologia Poética da Geração de 45**. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

**FERREIRA**, Maria Isabel. **Rosa Leve**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

**FRIEDRICH**, Hugo. **A estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

**MELO NETO**, João Cabral de. A Geração de 45. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

**SANT'ANNA**, Affonso Romano de. **Música popular e moderna poesia brasileira**. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.